

Os Seletivos Metropolitanos

Nos últimos dias tenho visto os táxis-lotações que servem aos municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre circularem praticamente vazios pelas ruas da Capital no trajeto quase perimetral que fazem por aqui à busca de passageiros. Seu ar condicionado, seu telefone celular e suas outras mordomias ainda não sensibilizaram ao público e o novo serviço permanece *no vermelho* como se diria em uma linguagem mais contábil.

Esta falta de passageiros não se deve exclusivamente ao fato de que o novo serviço ainda é pouco conhecido da população que potencialmente pode servir, nem aos dias chuvosos que têm preenchido muitos dos dias das últimas semanas em nosso Estado.

No primeiro caso, a mídia tem sido mais do que generosa; na verdade, nunca deu tanto espaço a uma novidade quanto tem dado ao serviço seletivo metropolitano. O mapa do percurso já saiu mais de uma vez, com destaque, e todos os dias da semana pelo menos um de nossos jornais publica matéria a respeito.

No segundo caso, a chuva deveria ser justamente o indutor de maior procura pelo novo transporte, com os motoristas de carros particulares podendo deixar seus veículos em casa, evitando arriscar-se no perigoso trânsito da BR-116, por exemplo, que já é difícil em dias secos, imagine-se em dias chuvosos.

Exemplo do passado

É quase impossível deixar de fazer a comparação entre o que está ocorrendo agora e o que aconteceu nos anos 70 em Porto Alegre, quando o então prefeito Telmo Thompson Flores lançou o Ônibus Seletivo da Carris, que tinha até rodomoça. À época, como nos dias de hoje, o objetivo era diminuir o número de veículos particulares nas ruas centrais da cidade, reduzindo os congestionamentos e a poluição.

Implantada em uma área de alto poder aquisitivo – Três Figueiras e seu entorno – a linha seletiva não vingou, embora oferecendo ônibus melhores e que tinham até ar-condicionado.

Hoje, especialistas em transporte asseguram que o fracasso do novo serviço deveu-se simplesmente ao fato de que proprietários de veículos particulares só admitem abrir mão deles para se locomoverem se contatem com um sistema de transporte coletivo rápido, confortável e direto. Ou seja, que lhes garanta chegar ao seu destino sem roteiros mais prolongados. Do contrário, acham melhor mesmo tirar o carro da garagem e enfrentar os congestionamentos.

Ainda recentemente o Jornal Nacional, da Rede Globo, mostrou uma iniciativa tomada na Inglaterra e que vem dando excelentes resultados: em uma cidade na periferia de Londres, a prefeitura criou, fora do setor de maior concentração urbana, diversos bolsões de estacionamento **gratuito** nos quais os motoristas podem deixar seus carros e embarcar em ônibus, **também gratuitos**, que os levam ao centro da cidade. Os que preferirem continuar utilizando seus automóveis para chegar à área central da cidade, pagam o equivalente a três dólares de pedágio.

Como resultado, diminuíram drasticamente os congestionamentos e a qualidade do ar sofreu significativa melhora.

Talvez uma iniciativa similar, por aqui, alcançasse muito melhor resultado do que os belos seletivos metropolitanos, que continuam circulando por aí com três ou quatro passageiros a bordo.